



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após sessão plenária de encerramento da Conferência Internacional sobre Biocombustíveis

São Paulo-SP, 21 de novembro de 2008

Presidente: Do Equador, o Celso já falou. A minha palavra é a palavra do Celso. O que o Celso disse é exatamente o que eu iria dizer, então ele já disse.

Jornalista: Veja, deixe-me dizer uma coisa: o Celso já falou sobre o Equador. Perguntem sobre a Colômbia, sobre o Peru, sobre qualquer outro país.

Deixem-me falar uma coisa para vocês: primeiro, eu estou muito, mas muito feliz com a realização deste encontro internacional sobre biocombustíveis. Eu penso que este encontro elevou o patamar da discussão do biocombustível no mundo. Eram 90 delegações, muitos ministros de países importantes estiveram aqui, muitos especialistas debateram, não apenas hoje e ontem, mas desde o começo da semana, numa demonstração de que “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”.

Nós vamos, a partir de agora, intensificar os debates no âmbito internacional para que a gente possa acabar de uma vez por todas com as tarifas que se colocam sobre o etanol e que não são colocadas sobre o petróleo. É muito engraçado: o mundo assinou o Protocolo de Quioto, todo mundo quer diminuir as emissões de gases de efeito estufa, entretanto, eles não põem nenhuma tarifa no preço do petróleo para importar, e no etanol eles colocam uma tarifa muito alta, o que é um contra-senso para o mundo.

A partir deste seminário, eu penso que o mundo tomou melhor conhecimento do que é o biocombustível, da qualidade, de como gera emprego, de como despolui o planeta Terra, que outros poluíram. Eu acho que a partir de agora vai ficar mais fácil o trabalho do ministro Celso Amorim e do



ministro Lobão para fazer com que empresas possam começar a produzir seus carros *flex-fuel*, que nós atingiremos a marca de 7 milhões de carros agora, em dezembro.

Tivemos uma boa conversa com a ministra sueca, que me pediu para que nós levássemos lá alguns prefeitos. Nós estamos pensando em convidar o Prefeito de São Paulo, o Prefeito do Rio de Janeiro e o Prefeito de Belo Horizonte para ver se a gente introduz nestas capitais ônibus produzidos pela própria Scania – que já está aqui no Brasil – a etanol, para que a gente possa permitir que, quando vocês saiam à rua para fazer as coberturas jornalísticas de vocês, respirem um ar mais puro, mais saudável. Isso é muito importante.

Jornalista: O petróleo não atrapalha o biocombustível?

Presidente: Não, não atrapalha, em hipótese alguma. Quando nós começamos a discutir o biocombustível... nós começamos a discutir em 2003, aqui no Brasil, transformando o biodiesel em uma matriz energética. Então, o fato de o Brasil achar muito petróleo não atrapalha em nada, pelo contrário, é uma riqueza a mais que nós temos. Nós temos uma decisão – o ministro Lobão coordena uma equipe interministerial que está pensando um novo marco regulatório para a Lei do Petróleo – nós não pretendemos exportar óleo cru, nós queremos exportar derivados. Por isso estamos pensando em construir quatro refinarias para produzir gasolina *premium*, para que a gente possa vender para os países ricos. Ao mesmo tempo, como o mundo precisa e a Europa já decidiu, até 2020, introduzir 10% de etanol na sua gasolina, o Brasil está preparado para atender a demanda.

Sobretudo, o Brasil trabalha com a hipótese de que pode fazer parceria com países europeus para produzir em terceiros países, para levar a tecnologia que o Brasil detém para países africanos. Nós, por exemplo, em Gana, estamos produzindo etanol, e a Suécia compra. É isso que nós queremos fazer



com outros países, para que a gente possa gerar emprego na África, gerar distribuição de renda, garantir a democracia e fazer o que os europeus tanto desejam: diminuir a migração. A melhor forma de diminuir a migração é a gente criar condições para as pessoas viverem no seu país.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Eu acompanhei um pouco a campanha eleitoral dos Estados Unidos, e tanto o Obama como o McCain falavam na questão de uma nova matriz energética e falavam do etanol.

Cada país vai utilizar a oleaginosa que ele quiser. Não é prudente produzir etanol de milho, porque milho é alimento, sobretudo ração animal. Em alguns lugares é alimento humano, como nos países da América Central e do México, em que as pessoas não conseguem viver sem a *tortilla*. Mas também o aumento do preço do milho aumenta o preço do frango, aumenta o preço da carne de porco. Portanto, é recomendável que o etanol seja produzido daquilo que tem a maior produção por hectare e daquilo que não seja considerado alimento humano.

Aí é que entra a vantagem comparativa do Brasil, com a cana-de-açúcar. Tem muitos países na América Central e na América do Sul que poderiam plantar etanol. Tem países na África que têm terra, têm água. Se o território africano for parecido com o cerrado brasileiro, sobretudo na área da savana africana, há um potencial extraordinário para o plantio da cana-de-açúcar. E é isso que nós queremos: levar conhecimento tecnológico barato para países mais pobres do que o Brasil, para que a gente permita que esses países cresçam um pouco.

Eu espero que a posse do Obama permita que os Estados Unidos olhem com olhos mais, eu diria, apaixonados, para o etanol brasileiro e para a cana-de-açúcar brasileira.



Jornalista: (inaudível)

Presidente: Primeiro, nós fizemos o mais importante acordo da agricultura já feito na história deste país. Se algum setor da agricultura está com problema, nós vamos resolver o problema da agricultura.

Há um problema, que é um problema de pagamento, de alguns agricultores, das máquinas que compraram no ano passado. Ora, é um contrato entre os compradores e uma empresa, portanto a empresa tem o direito de receber aquilo que vendeu.

Nós não temos nenhuma dúvida de que aqueles empresários que, efetivamente, não tiverem condições de pagar, o Brasil pode chamá-los e pode discutir com eles. Mas posso lhe garantir que a informação que eu tenho do Ministério da Agricultura é de que, com exceção desse problema de máquinas, que está 50% situado no estado do Mato Grosso, 25% em Goiás, porque no restante do Brasil não tem... O governo está disposto a ver, caso a caso, e cuidar daqueles que efetivamente merecem ser cuidados.

A agricultura brasileira pode diminuir 1%, mas nós vamos ter uma grande safra, e acho que nós precisamos aumentá-la. Você não pode se esquecer que nós lançamos um programa, no mês de março, chamado “Mais Alimentos”, em que nós estamos financiando R\$ 25 bilhões para a agricultura familiar comprar 60 mil tratores e 300 mil máquinas agrícolas. Já foram financiadas mais de 6 mil máquinas, e nós queremos, até 2010, gastar os R\$ 25 bilhões.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Primeiro, é uma honra, sobretudo para os funcionários da Caixa Econômica, da Caixa estadual e do Banco do Brasil, o Brasil comprar a Nossa



Caixa, porque o Banco do Brasil volta a ser outra vez o primeiro banco brasileiro. Eu não conheço nenhum bancário brasileiro que não quisesse trocar o banco em que ele trabalha pelo Banco do Brasil.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Não é um problema de partido, isso não é um problema ideológico. Isso é uma negociação comercial entre o Banco do Brasil e a Nossa Caixa. É uma negociação.

Jornalista: (inaudível)

Presidente: Você sabe qual era o argumento que existia? O argumento era de que eu estaria dando R\$ 6 bilhões para o governador Serra, que é um suposto candidato em 2010. Um presidente da República não pode agir com mesquinha quando se trata dos interesses do País e do povo de São Paulo.

Com a fusão do Unibanco e do Itaú, o Itaú passou a ser o primeiro banco brasileiro. Portanto, é extremamente importante o que o Banco do Brasil fez. Adquirir a Nossa Caixa o transforma outra vez no banco mais importante do Brasil e, mais importante, o Banco do Brasil, que era frágil em São Paulo, passa a ser um banco muito importante em São Paulo, o que não é pouca coisa.

Eu não posso proibir que os partidos políticos sejam contra ou a favor. Agora, o Banco do Brasil não tomou uma posição político-ideológica. O Banco do Brasil fez um negócio que interessava a ele, Banco do Brasil, e que interessava à Nossa Caixa. Eu acho que quem ganha com isso é o Brasil, porque a gente vai ter um banco público mais sólido, mais competitivo, com muito mais agências e muito mais dinheiro para a gente poder irrigar o crédito no Brasil. O que querem mais do que isso?



Tchau, gente. Bom final de semana.

(\$31EGJLMP)